

Tiago de Melo Andrade

O Gato Xadrez

Rita Pancada
na China

Ilustrações
Laura Michell



edelbra

O Gato Xadrez

Rita Pancada
na China

1ª edição, 1ª impressão

Coordenação Editorial: Elaine Maritza da Silveira

Ilustrações: Laura Michell

Projeto Gráfico: Victória Piffero

Revisão: Renato Deitos

Diagramação: YOYO ateliê gráfico

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A571g Andrade, Tiago de Melo, 1977-
O gato xadrez : Rita pancada na China / Tiago
de Melo Andrade ; ilustração Laura Michell. – 1.
ed. - Porto Alegre, RS : Edelbra, 2016.
136 p. : il. ; 23 cm. (As aventuras de Rita
Pancada ; 1)

ISBN 978-85-5590-003-7

1. Ficção infantojuvenil brasileira. I. Michell,
Laura. II. Título. III. Série.

15-28546

CDD: 028.5

CDU: 087.5

2016

Edelbra

www.edelbra.com.br

Central de Atendimento:

51 2118 4404 | cae@edelbra.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida
ou copiada, por qualquer meio,
sem a permissão por escrito da editora.

Impresso no Brasil pela Edelbra Gráfica Ltda.

edelbra

Tiago de Melo Andrade

O Gato Xadrez

Rita Pancada
na China



Ilustrações
Laura Michell

edelbra

edelbra

edelbra

edelbra

edelbra

edelbra

edelbra

edelbra

edelbra

edelbra

CAPÍTULO 1

Buraco de Formiga

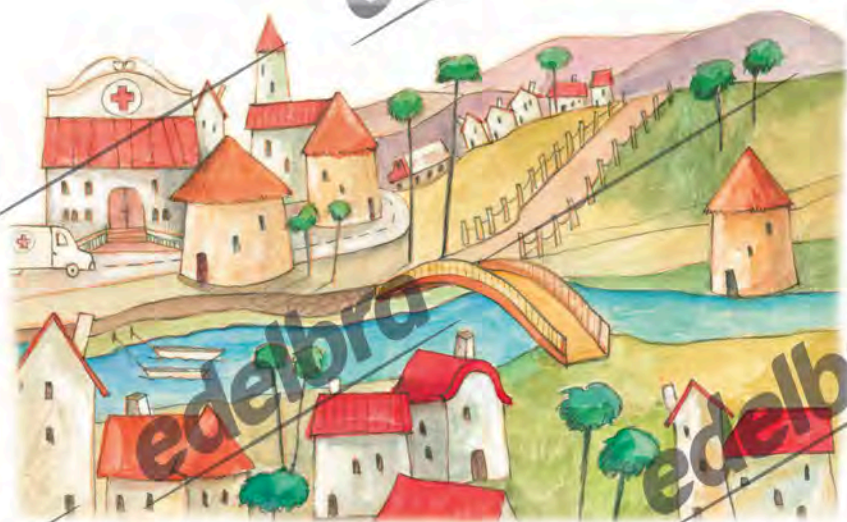


Rita Palhares foi fabricada em Formiga, cidade de nome estranho do interior das Minas Gerais. Reza a lenda que naquele lugar, ao tempo das Entradas e Bandeiras, quando os tropeiros armavam as redes à beira do rio para seu descanso, eram atacados por ruivas formigas da popa grande. Além de apreciarem dar beliscadas em carne de gente, os danadinhos dos insetos também eram ladrões. Em cinco minutos, eram capazes de desnudar a matula do pano de prato, carregar o conteúdo da panela e, depois, devorar tudo! Foi aí que se deu àquelas águas o nome de Rio das Formigas. Então, anos

adiante, floresceu às suas margens um punhado de casinhas de palha muito parecidas com aqueles cogumelos marrons que pipocam ao sabor da umidade.

O vilarejo foi crescendo, crescendo, até que virou cidade maiorzinha, enriquecida com igreja, coreto, praça e as demais coisas de praxe que compõem o cenário interiorano. Toda cidade brotada na beirada de rio sempre pega emprestado seu nome; daí, então, que Formiga se chama Formiga.

E foi lá que Rita Palhares, anos mais tarde, iria embarcar numa insólita viagem que a deixaria curada de terrível mal.



Antes, porém, de obter a cura, Rita passou por maus pedaços. É... A começar do nascimento. No hospital, a mãe suspirava. Estava em trabalho de parto. Em geral, o parto demora um bocado, e a paciente precisa fazer bastante esforço para a criança nascer. Mas com Rita foi diferente: nasceu ainda na sala de espera, sem mesmo dar aviso nem nada. Foi assim: a mãe soltou um enorme espirro – Aaatchim!–, ouviu-se um forte estampido, e lá se foi o bebê!

Fiúca Barberato, enfermeira empoeirada de quarenta anos de comadre e penico, nunca havia visto uma tal exorbitância – criança nascendo que nem tiro de canhão – Bummm! Só pôde gritar com sua voz gasta:

– Segurem, que a criança está pelos ares!

Puxa vida! Foi uma confusão de gente pulando para pegar a neném, mas quando um apanhava, ela escapulia das mãos, então outro apanhava e ela escorregava novamente! O obstetra, Dr. Carlos Mascarenhas, não acreditava no que seus olhos viam:

– A menina nasceu ensaboada!

Assim, escorregou de mão em mão, até que, por sorte, aterrissou numa maca que estava aguardando o próximo acidentado. A maca, com o impacto da queda, movimentou-se um bocadinho e acertou uma cadeira de rodas que estava por perto. A cadeira, por sua vez, bateu num carrinho de recolher os lençóis sujos, que resvalou no carrinho da faxineira e desembestou-se no corredor, atropelando um médico e dois doentes. Ainda desabalado, arrombou três portas e só parou na cozinha, onde colidiu com o fogão – Buuummm! –, explodindo numa bola de fogo!



Cidinha Borges, internada no segundo andar por conta dum ninho de pedras nos rins, achou que o Apocalipse tinha finalmente dado as caras:

– Me leva, Senhor, mas deixa as pedras!

O fogo e a fumaça espalharam-se rápido. Foi um tumulto de gente fugindo – Socorro! Socorro! Saiam da frente! Abram essa porta! Eu quero passar! O corredor está apertado, gente!

Num instante, a Casa de Saúde Santa Isabel ficou vazia de pacientes! Todo mundo do lado de fora vendo o hospital pegando fogo. Era cada estouro de tremer o chão. Um cilindro de oxigênio subiu ao céu montado num rabão de fogo e, lá no alto, explodiu em mil estrelinhas. Diogo da Jaca ficou besta com tanto estampido e fumaça que avistou no seu sítio:

– Povo da cidade perdeu o tino! Onde já se viu comemorar Ano Novo em outubro?!

Dia seguinte, no lugar da Casa de Saúde, restava apenas um buracão enorme e fundo.

Francisca Meneses era uma velha muito antiga,

entranhada de superstições. Quando viu o estrago, abismou-se:

– Jesus, Maria, José! O hospital virou pó! Mas que pancada! Essa menina é de mau presságio! Já no dia do nascimento, demoliu a Casa de Saúde!

A implosão do hospital jamais deixaria de lembrar o nascimento de Rita. Contudo, logo o bebê deixou de ser ligado ao azar. Compadecido, o governador mandou construir um hospital novinho em folha!

Os engenheiros vieram com suas coisinhas de medir e maquininhas de fazer contas. Decidiriam erguer o novo Centro de Saúde em outro lugar, pois, só com o dinheiro que iriam gastar para aterrar o buraco aberto na explosão, seria possível construir quatro novos hospitais. Fizeram, então, uma enorme bolacha de concreto e com ela taparam a cratera. Construíram o prédio novo no alto de um morro, onde o ar era de melhor qualidade para os pulmões dos doentes.

O povo de Formiga nunca tinha visto tanto concreto armado na vida, era uma beleza de construção

moderna em formato de caixa de chapéus, redonda e envidraçada. Dentro da caixa de cimento e vidro havia tecnologia de ponta. Aparelhagem vinda do estrangeiro, lá das bandas da Alemanha. Tudo de última geração! Havia até um tubo no qual se enfiava o paciente e, no prazo de cinco minutos, a máquina investigava, dos pés à cabeça, os por dentro do vivente, em busca de doença escondida nas entranhas. Depois, cuspiu um monte de papéis com o inventário dos moles da pessoa. Assim: rins estão limpos, fígado tem aquilo, pulmões têm isso. A primeira vez que a antiga enfermeira Fiúca mexeu na aparelhagem, ficou brava:

– Dr. Carlos, venha ver só que absurdo! O governo pagou para os gringos uma nota preta por um aparelho estragado. Na hora de dar o diagnóstico, o relatório sai com as palavras atrapalhadas! O maquinismo é analfabeto de pai e mãe. Veja o senhor: não tem uma vogal para contar a história!

– Mas isso não está escrito errado! Está escrito em alemão.

– Ô robô metido a besta!

Era mesmo uma beleza o novo hospital. Havia gente que até inventava doença, só para passar a noite no macio dos colchões novos e no fresquinho do ar condicionado. Heraldo Marques, internado por conta de uma bolha na sola do pé, disse, com a cabeça acomodada num travesseiro anatômico, inventado no Canadá:

– Se a gente soubesse que ia ser tão bom assim, tinha posto fogo na Casa de Saúde há mais tempo.

CAPÍTULO 2

Suco Encanado



Depois de demolir a Casa de Saúde Santa Isabel, Rita, no cambaleiar de seus primeiros passos, realizou outra proeza: largou da mão da mãe e saiu desgobernada em cima de suas perninhas bambas. Desceu aos tropeções a Ladeira do Sossego e foi dar com sua pessoinha sem freios na Avenida Marechal Deodoro. Quase tragédia! Vinha um caminhão-tanque da fábrica de sucos Quero Mais. O motorista, vendo aquele cisco de gente no meio da via, atolou o pé no freio – Prááá!... Na freada brusca, o caminhão perdeu o rumo e o controle. Esfarelou o gradil de segurança, desceu a ribanceira dando

cambalhotas e foi terminar com suas ferragens no leito pedregoso do rio Formiga.

Que susto teve Dona Risoleta Marins ao abrir a torneira da pia da cozinha e constatar que dela saía suco de groselha. E mais: também o suco escorria do chuveiro e da descarga do vaso sanitário. No acidente, a carga de groselha concentrada vazou todinha no rio e entrou pelos canos que abasteciam a cidade.

– Essa menina tinha que ter entornado também um caminhão de açúcar! Assim o suco já vinha adoçado – ponderou Alfredo Prata, dono da farmácia local, que realizou um sonho antigo: encheu a piscina de sua casa com suco de groselha!

O prefeito veio a público e fez pronunciamento de acalmar a população:

– Não é preciso pânico! Está tudo bem, graças a Deus que não vazou petróleo, mas, sim, groselha... Então não temos um acidente ambiental. É só suco de groselha mesmo, uma coisa inofensiva. Nossos técnicos garantem que, apesar da cor, a água está em condições de ser usada. Continua potável, minha

gente! Groselha não faz mal a ninguém! Ademais, o pessoal da Casa de Águas disse que o suco levará uma semana para sair dos canos.

Foi uma das semanas mais rubras de que se teve notícia. Médicos e enfermeiras vestidos de rosa. O arroz na panela fervia em vermelho. Ao fim de sete dias, ninguém podia ouvir falar em groselha. E quem dissesse a palavra corria o risco de apanhar na rua! O povo de Formiga enjoou do suco para nunca mais.

No seu aniversário de cinco anos, Ritinha provocou o segundo incêndio de sua vida. Foi assim: no apagar das velinhas, soprou forte demais e uma fagulha saltou – Fuc! – sobre os papéis coloridos que enfeitavam a mesa. Fez um fogo bonito, para iluminar a fuga dos convidados.



O palhaço Carequinha teve a peruca verde chamuscada, Risoleta Cotó ficou com o rabo da saia queimado e Anacleto Tatão perdeu o olho de vidro na correria. Fora a peruca do palhaço, ninguém se feriu seriamente. As únicas vítimas foram os deliciosos docinhos, que ninguém conseguiu salvar: brigadeiros, olhos de sogra, beijinhos... Tudo virado em carvão! Do rescaldo, os bombeiros ainda conseguiram resgatar o sumido olho de vidro de Tatão, que, por ser confeccionado com material de primeira linha, resistiu ao calor do incêndio.



Depois desse dia, sempre que era aniversário em casa de Ritinha, os pais mandavam os filhos protegidos com capacetes, joelheiras e cotoveleiras. O infortúnio só não foi maior porque o pai de Rita, depois do incêndio no hospital, tinha posto a casa no seguro e ganhou outra novinha, à prova de fogo, que o po-vinho dos seguros não é bobo nem nada.

Preocupados, os pais procuraram a ajuda de um médico, lá nas bandas de São Paulo, que tinha fama de ter resolvido casos parecidos. Chegando lá, o tal doutor paulista revistou Rita com tudo quanto foi máquina de ver o lado de dentro dos pacientes. Inclusive, radiografou os miolos da pobrezinha. Só faltou mesmo virar a garotinha do avesso.

Com a papelada dos resultados dos exames nas mãos, o médico proferiu a sentença:

– Rita sofre de Patetice Patológica Congênita. Sinto muito, mas trata-se de doença grave, que é mal sem cura. Nem remédio para alívio paliativo existe. O jeito é conformar-se e reforçar a segurança, pois ela vai passar a vida inteira caindo e derrubando tudo e todos.

Por isso, em casa de Rita não havia enfeites, quadros, vasinhos floridos nem nada. Na cozinha, o plástico imperava soberano no reino do quebra-quebra: copos, pratos, jarras, taças, chávenas e xícaras — tudo de plástico. Foi ideia da mãe:

– Nem se fôssemos donos duma fábrica de louças daríamos conta desta menina. Parece que tem as mãos furadas! Agora, só compro coisas de plástico.

Rita vivia machucada de trombar em tudo, cair ao chão, bater os cotovelos na quina dos móveis, tropeçar nos pés das cadeiras. Tapetes nem podia haver em lugar nenhum, que Ritinha sempre achava um jeito de enrolar os pés neles e cair esparramada ao chão.

Vivia coberta de curativos a pobrezinha. Aí, o pai teve uma ideia: mandou emborrachar toda a casa e os móveis. Acreditem! Foi quando a menina parou de se machucar um pouco, mas não de cair. Ela conseguia tropeçar nos próprios pés! Só que caía sobre a borracha e não se machucava. Assim foi, até chegar a idade de ir para a escola, onde passou a se ferir outra vez. Afinal, não dava para emborrachar a escola inteira!

Todo dia Rita fazia algum estrago no colégio. Deixar a lancheira cair ao chão na hora do intervalo era normal. Havia também aquele tropeço de todo dia no primeiro degrau da escada, na hora de entrar na escola. O pessoal mais velho, da sétima série, fazia fila para olhar o tradicional tropeção das sete e quinze. Ela engastava a ponta do tênis no degrau e subia o resto da escada catando cavaco – Troc-troc-troc! Prááá!

Dircinha Araújo assombrou-se:

– Parece que Formiga vai figurar no Livro dos Recordes...

– Por quê?

– Temos a menina mais paspalhona do mundo inteiro! Incrível isso! Ela tropeça sempre no mesmo lugar e em hora marcada.

Aurélio, que também era um tanto apatetado, tomou as dores da menina:

– Isso é porque ela ainda é criança novinha... Quando ficar mais velha, vai tomar prumo nas juntas das pernas e não vai tropeçar mais.

Pobre Aurélio! Quem dera estivesse certo... Os anos passaram e nada de a palermice de Rita sarar. Pelo contrário, só fez ganhar corpo. Não havia recreio que passasse sem ela se sujar com a merenda ou sujar alguém. Certa feita, chacoalhou demais o refrigerante, achando que era suco – Txááá! Foi uma explosão de espuma, coisa mais linda de se ver! As borbulhas subindo pelos ares, explodindo melosas, grudentas – Ploc! Ploc! Ploc! Melhor que muito espetáculo de circo estrangeiro. Só que ficou um mistério: como a trapalhona, armada apenas com uma garrafinha de 600ml, conseguiu lambrecar setecentos alunos, mais a diretora, Célia Mara, e o banheiro feminino todinho, do teto ao chão.

Depois da arte feita, sempre abria o berreiro:

– Buááá! Buááá! Por favor, me perdoem! Foi sem querer – desculpava-se entre soluços.

Da Educação Física, era o terror. A meninada não sabia o que era pior: jogar no time adversário ou no time de Rita. E foi durante os treinos que ela fez muitas vítimas. De Joanhina Cunha, quebrou,

durante um jogo de vôlei, o dedo mindinho. Já Dorinha Varela, numa queimada, levou uma bolada tão bem dada no frontal da testa, que ficou zarolha definitiva. Ronaldinho Ribeiro foi dividir com ela uma bola no futebol e terminou manco duma perna. A professora Morgana ajuizou:

– Estrupício desse calibre tem que praticar esporte individual. Rita, traga maiô: na próxima aula, você será atleta da natação.

Nem assim adiantou: já no primeiro dia de aula, Rita nadou de banda e se emaranhou nas raia de tal maneira, que foi necessário chamar o capitão Bentes, aposentado da Marinha e especialista em nó



de marinheiro, para desembaraçar a menina das cordas. Na segunda e última aula na água, enganchou o dedão do pé na corrente do ralo da piscina e a água vazou toda, num redemoinho feroz, que arrebatou a professora Morgana, que, muito magrinha de tanto praticar esportes, terminou entrando pelo ralo.

No fim, tudo acabou bem, pois a mulher foi resgatada de um bueiro pelos bombeiros a cinco quarteirões da escola. Dessa vez, como no hospital, Rita chegou até a ser considerada heroína, pois a professora Morgana era o cão-chupando-manga. Severa, cabelo bem preso num rabão de cavalo, não ria desde 1970. Colocava, sem dó nem piedade, a meninada para correr sob o sol quente e obrigava todo mundo a estudar ginástica olímpica. Com ela ninguém tinha fresco, parecia que estava ligada numa tomada de 220 volts:

– Olhem esse polichinelo! Barriga para dentro! Peito para fora! Mais rápido, suas lesmas! Rápido! Rápido!

– Professora, está me faltando o ar!

– E eu estou sentindo agulhadas na barriga!

– Calem a boca, suas lesmas jogadoras de videogame! Vamos transformar essa flacidez em músculos!

Diante de tanto rigorismo militar, houve gente que comemorou quando a malvada entrou pelo cano:

– Viram a última? Rita deu descarga na professora Morgana!

– Viva Rita Pancada!

E, mais ainda, passaram a gostar de Rita depois do rebu no laboratório. Durante a aula de Química, a pobrezinha confundiu os tubos de ensaio e misturou os líquidos errados. Os vidros se incendiaram. A moça, no afã de debelar as chamas, pegou um pote de pó que encontrou por perto e jogou no fogo. Deu-se, então, aquele estampido seco igual de rojão quando falha – Pouuu! Subiu uma nuvem fétida de fumaça amarela que se espalhou por toda a escola. Um bafo de podre, um fedor de ovo choco!

A infeliz apagara o fogo com enxofre. Ar insuportável, irrespirável! As pessoas chegavam a verter lágrimas no ambiente contaminado. Para piorar

tudo, a catinga não passava. Não era como esses cheirinhos escapulidos de gente que qualquer ventinho besta leva embora. Era um cheiro viscoso que grudava em tudo. Entranhou-se na escola de tal maneira, que foi preciso antecipar as férias de fim de ano em um mês, e ainda no ano seguinte era possível sentir um leve aroma de pum. As roupas que todos usavam naquele fatídico dia tiveram que ser atiradas ao lixo, pois, por mais que se lavassem, o fedor não abandonava os panos. Desse dia em diante, sempre ficava a expectativa dos alunos:

– Bem que a Rita podia aprontar alguma para a gente sair de férias mais cedo.

Foi na escola também que ela ganhou o apelido que a acompanharia pelo resto da vida. Criança não economiza no deboche, e no tempo de colégio a pobre garota foi alvo contínuo da chacota:

- Lá vem Ritinha Terremoto.
- Menina das mãos furadas.
- Escondam-se! A Rita Treme-Treme quer antecipar da queimada!

– Corra, que lá vem o Furacão Descontrolado!

– Praga do Egito!

– Barata Destrabelhada!

– Pomba Lesa!

Mas o apelido definitivo quem deu mesmo foi Morgana, no dia em que Rita conseguiu a proeza de rasgar a cama elástica novinha recém importada da Rússia:

– Mas assim não é possível! Assim não dá, Rita Pancada!

edelbra

edelbra

edelbra

edelbra

edelbra

edelbra

edelbra

edelbra

edelbra

edelbra

CAPÍTULO 3

O petróleo é nosso!



O prefeito, Maurício Quintão, cismou que Formiga era lar natural de lençóis de petróleo. Desembestou a furar poços em todo canto, sem dar em nada. Tudo que conseguiu extrair do solo foi esgoto, visto que uma de suas brocas nervosas acabou por atingir a tubulação. Houve até um debochado que advertiu:

– Excelência, esse petróleo aí ainda está verde! Carece esperar mais um milhão de anos, até que fique no ponto de colher.

Quintão, contudo, não se abateu:

– Caso é que não consigo furar fundo o suficiente para encontrar o tal ouro negro!

– Então, se é assim, porque o prefeito não fura o furo? – sugeriu a gasta figura da enfermeira Fiúca.

– Como assim? – estranhou Quintão, sem entender direito o palpite.

– Ora, seu prefeito! Se o problema é buraco curto, o senhor bem que podia aproveitar o buracão, de fundura profunda, escondido debaixo da bolacha de cimento, onde ficava a falecida Casa de Saúde Santa Isabel. Quem sabe, assim, o senhor não pega um atalho para chegar mais ligeiro no óleo, não é mesmo?

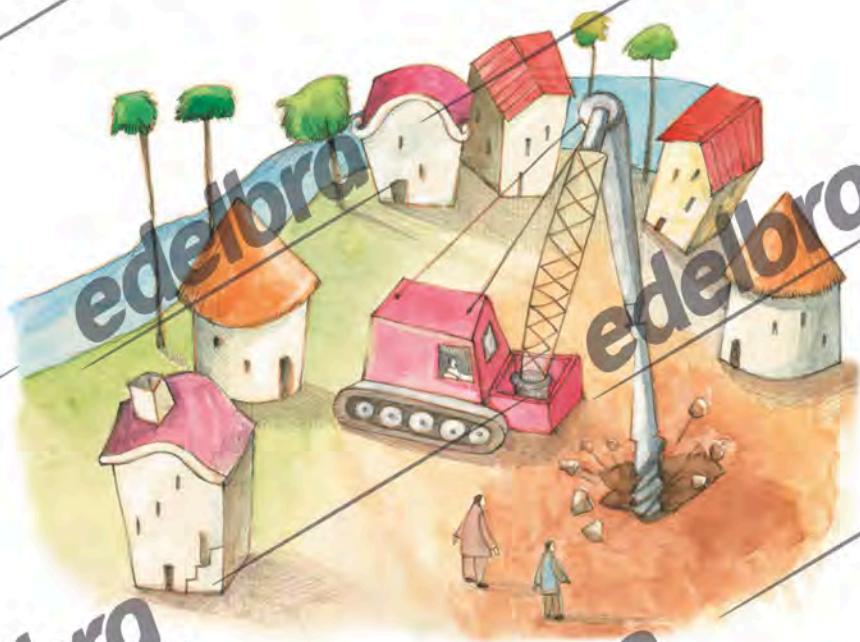
– Mas que ideia genial, dona enfermeira!

– Imagine, seu prefeito. É que eu tenho experiência nesse trabalho de extração de líquidos. Quarenta anos removendo sangue dos viventes nos ensinam alguma coisa, sabe?

Retiraram o tampão de concreto, e lá estava a cratera. Foi uma labuta levar a broca lá para aquelas funduras. E o engenheiro, entusiasmado:

– Seu prefeito, mas que beleza de buraco! Acho que atalhamos bem uns duzentos metros.

Colocaram a tal minhoca de aço para funcionar.



A ponta de aço ia girando em espiral, furando o solo, em busca do ouro negro. Tudo transcorria na mais perfeita ordem, até que se ouviu aquele barulho da perfuratriz gemendo fino. A broca havia se deparado nas profundas do mundo com uma rocha teimosa de basalto que não queria saber de furo.

– Aumente a potência! Não existe pedrisco nenhum neste mundo capaz de segurar o progresso do município de Formiga – ordenou o prefeito. Mas, qual nada! A tal pedra era dura na queda. Zombava da

máquina de esfarelar pedra. Mesmo assim, Quintão não esmoreceu: mandou rodar a broca na capacidade máxima. O maquinismo chegou a ficar incendiado, soltando fumaça pelos parafusos. Faíscas saíam velozes do buraco, mas a broca não afundava, girando em falso. Então, quando ninguém esperava, a rocha perdeu a resistência de uma vez. Ouvia-se um ruído oco da broca atravessando a pedra – Prááá-fiiiiiii! Foi que, depois daquela dureza toda, vinha um solo poroso de pedra oca sem resistência nenhuma. A minhoca de aço, que vinha desabalada, sem encontrar resistência, girou mais veloz do que recomendava o manual de instrução e começou a espirrar porcas, arruelas e parafusos por toda banda, causando o maior susto!

– A broca escapou da furadeira! – constatou um dos operários.

Sem maior resistência e livre do suporte que a prendia, a broca desandou a furar buraco. Foi afundando sem controle, até sumir completamente no subsolo.

– E agora, gente?! O que vamos fazer?! – perguntou, aflito, um dos trabalhadores, vendo que a

máquina estava com a peça fundamental perdida, zanzando nas entranhas da terra.

– Agora, nos sentamos, esperando o petróleo jorrar – respondeu o prefeito, animado com as proporções que as coisas estavam tomando.

Acreditem se quiserem, mas, uma semana depois do acidente, ainda se podia ouvir ao longe o barulho da broca furando os domínios do Capeta, todavia, nada de subir petróleo pelo orifício. E assim se passaram muitos dias, sem que nada acontecesse. Ninguém mais tinha esperança no petróleo. Os formiguenses, preocupados com o buraco fundo, exigiam que o poço fosse fechado novamente com o tampão de concreto:

– Tem que fechar esse buraco, urgente! É um perigo essa abertura! Se um desavisado despenca por ele, cai direto e reto no colo quente e peludo de Satanás.

Mas o prefeito, esperançoso, negava consentimento de fechar o orifício:

– Calma, minha gente! Ainda tenho esperança de que a broca desgovernada encontre o petróleo.

– Mas, seu prefeito, isso é um perigo! Um buraco desses aberto pode até causar um gravíssimo acidente.

– Imagine, quem é que não vai enxergar, ver um buracão desse tamanho?!

❧ Tiago de Melo Andrade ❧

Meu nome é Tiago de Melo Andrade. Escrevo faz um tempinho, há mais ou menos quinze anos... Ler e escrever para mim é tão fundamental como respirar! Estreei bem jovem na literatura e, no trabalho, não conheço outro cotidiano que não esteja relacionado aos livros: seja lendo, organizando eventos literários ou participando deles e, é claro, escrevendo. Hoje são pouco mais de quarenta títulos publicados e algumas premiações importantes, como o Prêmio Jabuti. O que eu posso dizer sobre isso é que a vida cercada de livros e de pessoas que leem é muito melhor! Eu não quero outra não.

Rita Pancada é uma personagem que morava nas histórias do meu avô. Ele contava que na cidade dele, Formiga, em Minas Gerais, havia uma moça tão atrapalhada que não segurava a própria filha no colo para não deixá-la cair. Eu sempre achei esse personagem delicioso e resolvi pôr a Rita para correr o mundo em atrapalhadas aventuras, uma homenagem para o meu avô, que me ensinou a imaginar.

❧ Laura Michell ❧

Desenhar e pintar sempre foi minha maneira de olhar o mundo e de me expressar sobre o que vejo e sinto. Gosto muito de dar forma a personagens e de criar o mundo em que vivem, como fiz com Rita Pancada, que Tiago inventou com palavras e que tomou forma com meus lápis e pincéis.

Como gosto muito de literatura, interessei-me pelo diálogo que pode existir entre o texto e a imagem e percebi que poderia encontrar na ilustração de livros o caminho para desenvolver o que sempre gostei de fazer: desenhar e pintar.

Nasci em Rio Gallegos, na Argentina. Estudei pintura e gravura na Escola de Belas Artes de Buenos Aires, cidade onde vivo e trabalho. Atualmente dedico-me a ilustrar livros, a pintar minhas próprias obras e a dar aulas de arte.

As aventuras de Rita Pancada

Rita Pancada nasceu na cidade de Formiga e ganhou o apelido por conta das trapalhadas que aprontava o tempo todo. Não tinha dia em que Pancada não causasse um incêndio, um acidente, uma correria de gente assustada com o destralamento da menina...

Era tanta patetice que Rita escorregou para dentro de um buraco e foi parar no Inferno. Mas, acreditem, nem o Capeta quis a menina por lá, sabedor que era das peripécias que ela seria capaz de aprontar. O jeito, então, foi seguir “viagem” até a China, onde conhece Yuan e se aventura, procurando a solução para sua Patetice Patológica Congênita.

edelbra

ISBN: 978-85-5590-003-7

